

# A presença do Neoplatonismo nas artes

Cinthia Maria Ramazzini Remaeh\*  
Hélio Requena da Conceição\*

REMAEH, Cinthia M. R., REQUENA C., Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

## RESUMO

*Este trabalho tem como objetivo analisar a influência do Neoplatonismo nas Artes; na literatura, através da análise do poema “Transforma-se o amador na coisa amada”, de Luís Vaz de Camões e, na pintura, a tela “O nascimento da Vênus”, de Sandro Boticelli.*

*O Neoplatonismo, doutrina filosófica nascida em Alexandria no século III d.C., cuja essência associava o platonismo ao misticismo, teve como representantes Porfírio e Plotino, sendo este último o seu maior destaque. Plotino procurou na metafísica de Platão e na de Aristóteles aquilo que lhe permitiria descobrir os caminhos que o conduzissem à contemplação da origem de todas as coisas. Sua presença no Neoplatonismo foi de tal forma marcante que seu nome se confunde, muitas vezes, com o da própria escola.*

*A influência dessa escola tem sido considerável no pensamento da humanidade e sua presença nas Artes em geral não poderia ser menor: entre os filósofos e teólogos cristãos da Idade Média; no Renascimento - Boticelli, Michelângelo, Camões e até em Bergson podemos encontrar pontos convergentes com o pensamento de Plotino.*

**Unitermos:** Neoplatonismo, Filosofia, Artes.

## INTRODUÇÃO

Plotino, filósofo da Emação, da Processão e do Êxtase, não é o filósofo da descrição nem da classificação. Procurou na metafísica de Pla-

\* Departamento de  
Letras e Artes.  
Centro de Filosofia  
e Ciências  
Humanas.  
Universidade do  
Sagrado Coração  
(USC)  
Cx. Postal 511 -  
CEP 17001-970 -  
Bauru - SP - Brasil

tão e na de Aristóteles aquilo que lhe permitiria descobrir os caminhos que o conduzissem à contemplação da origem de todas as coisas. A influência de seu Neoplatonismo foi considerável e exerceu-se em diversas direções: entre os filósofos e teólogos cristãos da Idade Média; no Renascimento (Boticelli e Michelângelo) e até em Bergson podemos encontrar numerosos pontos de aproximação possíveis entre o pensamento deste e o de Plotino.

No entanto, trataremos especificamente da influência do Neoplatonismo na Arte, demonstrando, através da análise de um soneto camonian - *Transforma-se o amador na coisa amada* - arte literária - e de uma pintura renascentista de Sandro Boticelli - *O nascimento de Vênus* - a questão do belo na estética plotiniana.

Primeiramente, apresentaremos uma apanhado teórico e, num segundo momento, a análise das obras já citadas.

## A presença do Neoplatonismo na arte (Plotino)

O NEOPLATONISMO - O neoplatonismo é, por uma parte, a renovação do platonismo em diversas épocas da história da filosofia, e, por outra, uma corrente particular que, originada na última fase pitagorizante da filosofia platônica, atravessa como uma constante na história do pensamento do Ocidente e chega, através de múltiplas vicissitudes e transformações, até a época atual.

Neste último sentido, o neoplatonismo se acha já pré-formado na antiga Academia platônica, quando Espeusipo e Xenócrates fundem a idéia platônica do Bem com a idéia pitagórica do Uno, ou subordinam a primeira à segunda. Esta subordinação, característica do neoplatonismo, consiste na atribuição ao Uno da SUPREMA PERFEIÇÃO E REALIDADE e na derivação de todo o existente a partir desta unidade originária.

O Neoplatonismo se entrelaça, desta sorte, ao neopitagorismo e acrescenta a especulação pitagórica sobre o número dos conceitos de hipóstases e emanção. O trânsito entre Platão e Plotino é cumprido por uma série de pensadores mais ou menos relacionados com as tradições orientais e onde aparecem correntes judaico-alexandrinas que culminam em Fílon.

A partir de Plotino, e sem que deva ser esquecido seu mestre Amônio Sakas, o Neoplatonismo é representado pelos discípulos de Plotino, Amélio e Porfírio e por diversas correntes. Há os que consideram somente Plotino propriamente um Neoplatônico e que os outros autores mencionados, que o precederam ou o seguiram, mesclaram o neoplatonismo (um Neoplatonismo supostamente “puro”) com outras tendências. Em tais casos, chega-se a identificar o neoplatonismo com o plotismo. Particularmente, essa identificação é injustificada. Por um lado, não há um “neoplatonismo puro”; o próprio Plotino foi tanto um platônico como um aristotélico e, às vezes, até um estóico. Por outro lado, as diferenças

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

REMAEH, Cinthia  
M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença  
do Neoplatonismo  
nas artes. *Mimesis*,  
Bauru, v. 19, n. 1,  
p. 79-99, 1998.

entre Plotino ou os autores mais plotinianos e outros filósofos que classificam a si próprios como neoplatônicos, não conseguem apagar certos caracteres comuns a todos eles. Houve, assim, neoplatônicos que se inclinaram mais para o místico que para o intelectual e outros que tomaram o caminho inverso, neoplatônicos que acolheram, com simpatia, todo o “oriental” e outros que o consideraram com certa suspeita. Entre estes últimos, figura, por certo, o próprio Plotino ao insistir repetidamente em que sua meditação nada tem a ver com as invasões orientalizantes. Tal oposição se adverte particularmente no tratado contra os gnósticos. E estes falam de “desterros”, de “vestígios”, de “arrepentimentos”. Plotino pergunta, com atitude rigorosamente filosófica e intelectual, se por arrependimento designam as afecções da alma que se arrepende; se por vestígios designam o que se encontra na alma quando contempla as imagens dos seres ou os próprios seres. *São - escreve - palavras vazias de sentido que empregam para forjar-se uma doutrina própria. São invenções de pessoas que não se vinculam à antiga cultura helênica. Os gregos tinham idéias claras...* (En.,II, ix,6). (Quiles, 1981)

Costumam considerar-se neoplatônicas as seguintes escolas: a escola da Síria, representada por Jâmblico; a escola de Atenas, em que figuram Proclo, Plutarco, Damáscio e Simplício; a chamada escola de Pérgamo, derivada de Jâmblico, mas fundada pelo seu discípulo Edésio e prosseguida por Eusébio, Máximo e Juliano, o Apóstata; a escola de Alexandria, que conta entre os seus seguidores Hipatia, Sinésio, Amônio e Olimpodoro; finalmente, os neoplatônicos latinos, muitos deles intimamente relacionados com o estoicismo: Calcídio, Macróbio e Boécio.

O Neoplatonismo que, enquanto religião, se encontrava na mais violenta oposição ao cristianismo, pareceu desaparecer com a vitória cristã, mas a posterior evolução do cristianismo conduziu às diversas sínteses helênico-cristãs que “culminaram” em Santo Agostinho, pelo qual penetrou principalmente o Neoplatonismo na mística da Idade Média e se desenvolveu não só no sistema de Escoto Erigena, mas em grande parte dos filósofos medievais até o século XIII, em que conseguiu impor-se a corrente aristotélica. O fato do Neoplatonismo, como constante na história da filosofia, permanece confirmado tanto nesta penetração, através da Idade Média, como em sua erupção, no mesmo umbral do Renascimento e da modernidade, em diversas direções: por um lado, a Academia platônica florentina, vinculada à tradição bizantina, transmitida, sobretudo, por Pselos; por outro, na filosofia natural de Bruno; finalmente, no inatismo que, procedente diretamente das tendências platônico-agustinianas, deu origem à escola de Cambridge. Prescindindo das direções que confessam formalmente sua dependência do neoplatonismo na filosofia moderna, tal corrente se insere do modo mais profundo no idealismo romântico e, em particular, na filosofia de Schelling, cujo Absoluto indiferenciado é, em muitos respeitos, similar à concepção do *EV*, em que neoplatônicos e neopitagóricos viam a expressão mais própria do fundamento de toda diversidade.

*PLOTINO - (205-270)* Plotino nasceu em Licópolis, Egito, e, segundo conta seu discípulo e biógrafo Porfírio, foi levado à filosofia por Amônio Sakas, que ensinava em Alexandria, e que teve como discípulos, além de Plotino, Herênio e Orígenes - o neoplatônico, não o cristão - . Após onze anos de estudos na escola de Amônio, dirigiu-se para a Síria e Pérsia com o exército do imperador Gordiano, mas, ao retirar-se, refugiou-se em Antióquia, donde passou para Roma em 245. Na capital do império, fundou sua própria escola onde ensinou até o final de sua vida, escrevendo, somente muito tempo depois, os cinquenta e quatro tratados, recopilados por Porfírio nas seis Enéadas ou novenas, por conter nove tratados cada uma.

Os discípulos imediatos de Plotino foram, além de Porfírio, entre outros, Amélio da Etrúria, o médico alexandrino Eustóquio, que cuidou do mestre no momento de sua morte solitária; o poeta Zótico, o médico Zeto, de origem árabe, e alguns senadores, chegando sua influência até os próprios membros da casa imperial.

Tal confluência de discípulos dos mais diversos lugares, ainda que todos eles das classes mais elevadas, era algo característico da filosofia desse período, no mesmo sentido em que o era o cosmopolitismo aristocrático do estoicismo imperial.

Os ensinamentos de Plotino não se desenvolveram, por outro lado, sem as mais violentas controvérsias; à entusiasta aceitação por parte de seus discípulos, justapunham-se as críticas e as queixas procedentes, sobretudo dos platônicos de Atenas, que acusavam Plotino de arbitrário e de plagiador, e lhe lançavam na cara que imitava, sem qualquer alteração, as doutrinas de Numênio de Apamea, considerado por alguns o verdadeiro pai do Neoplatonismo.

Contra semelhantes acusações se defenderam seus discípulos, em particular Porfírio e não menos Amélio, que redigiu um tratado *Sobre a diferença entre o sistema de Plotino e o de Numênio*. De tais lutas, não esteve isenta a escola na própria Roma, e isso é comprovado por, entre outros fatos, a discussão entre o citado Amélio e Longino, que teve durante certo tempo Amélio e Porfírio como discípulos em sua própria escola.

A filosofia de Plotino não permanece, contudo, exaurida com a indicação de que é ele o fundador do Neoplatonismo. A rigor, mais que ao próprio Plotino, este nome pode ser aplicado a qualquer outra das tendências que floresceram contemporaneamente, não só porque a notória originalidade de Plotino faz insuficiente tal denominação, mas porque, mais que uma síntese e renovação do platonismo, há em Plotino uma síntese, uma renovação e uma recapitulação da história inteira da filosofia grega. Esta recapitulação foi levada a cabo de forma tríplice: com a especulação sobre o Uno, com a meditação sobre a participação e sobre as naturezas inteligíveis e sua semelhança com as sensíveis, e com o exame da idéia da emanção.

A unidade é, para Plotino, expressão da perfeição e da realidade: “todos os seres - diz - tanto os primeiros como aqueles que recebem tal

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

nome, são seres só em virtude de sua unidade”. A unidade do ser é seu último fundamento, o que constitui a sua realidade verdadeira e pelo que pode fundar as realidades que a ela se sobrepõem. Daí que todo ser diverso tenha como princípio e fundamento, como modelo ao qual aspira, uma unidade superior, de modo análogo a como um corpo tem sua unidade superior na alma. A unidade é, antes de tudo, um princípio de perfeição e de realidade superior, se não a perfeição e a própria realidade, pois o Uno não deve conceber-se exclusivamente como uma expressão numérica, mas como uma essência supremamente existente, como o divino princípio do ser. Agora, se o Uno é o princípio, não é a realidade única, mesmo quando seja o único que possa chamar-se com toda propriedade de real e absoluto. O Uno não é o único, porque funda justamente a diversidade, aquilo que dele emana como podem emanar do real a sombra e o reflexo, os seres cuja forma de existência não é a eterna permanência no alto, recolhendo em seu ser toda existência, senão a queda, a distensão da primitiva, perfeita e originária tensão da suma realidade. Pois o Uno vive, por assim dizer, em absoluta e completa tensão, recolhido sobre si mesmo e recolhendo com ele a realidade restante.

O duplo movimento de processão e conversão, de desdobramento e recolhimento é a conseqüência dessa posição de toda realidade desde o momento em que se apresenta a Unidade suprema e, no pólo oposto, o nada: a perfeição engendra, por sua própria natureza, o semelhante, a cópia, o reflexo, que subsistem graças a estarem voltados contemplativamente para o seu modelo originário. Somente neste sentido pode dizer-se, pois, que a suprema Unidade contém potencialmente a diversidade, pois o Uno não é a unidade de todas as potências, mas a realidade que contém a todas enquanto potências. O Uno é, pois, fundamento de todo ser, realidade absoluta e, por sua vez, absoluta perfeição.

O diverso não está relacionado com o Uno do modo como a forma aristotélica insufla sua realidade à matéria, porque o Uno é substância enquanto entidade que nada necessita para existir, exceto ela mesma. O diverso nasce, por conseguinte, por causa de uma superabundância do Uno, como a luz se derrama sem o próprio sacrifício de si mesma. Esta relação do Uno com o diverso é, falando propriamente, uma emanação, na qual o emanado tende constantemente a manter-se igual ao seu modelo, a identificar-se com ele, como o mundo sensível tende a realizar em si mesmo os modelos originários e perfeitos das idéias.

Do Uno, dessa unidade suma, transbordante e indefinível, nasce, por emanação, a segunda hipóstase: o Inteligível. Isto não é a absoluta indiferenciação que caracteriza o Uno, a unidade absoluta anterior a todo ser, senão o próprio Ser ou, como diz Plotino, a Inteligência (Νσυς). A identificação do Ser inteligível com a Inteligência é a identificação do ser com o pensar, a racionalização completa deste “ente”. O Uno contempla o Inteligível, o qual é, por sua vez, produto desta mesma contemplação.

Por emanação do Inteligível, surge a terceira hipóstase, a Alma do Mundo, divisão do Inteligível e princípio de formação do mundo sensí-

vel, o qual é, portanto, visão da alma, produto de sua contemplação e realização de sua variedade potencial. A Alma anima e unifica todo ser; o torna partícipe, na medida de sua faculdade, da liberdade que somente o Uno possui de modo absoluto, pois unicamente o Uno é a liberdade real e completa autarquia.

Em um grau inferior desta série de emanções, encontra-se a matéria sensível, que a diferencia da matéria inteligível, pode ser equiparada com o indeterminado por princípio, com o receptáculo vazio, com a sombra e o não ser. A pura matéria sensível é, também, o mal, o reverso metafísico da medalha em cujo anverso brilha eternamente o Uno perfeito e absolutamente bom. Perturbação da suma Ordem, o mal ou a matéria inteiramente sensível são, por sua vez, os princípios da absoluta multiplicidade e dispersão. Isso não significa que todo o sensível seja, por si mesmo, absolutamente mau; ainda que inspirado pelo desejo de unidade e de recolhimento em si mesmo, o universo descrito por Plotino não produz, como o próprio filósofo se compraz em dizer, um som único. É uma harmonia regida pela unidade e pela aspiração a convertê-lo todo nela, isto é, pelo desejo que tem toda realidade de ver-se e contemplar-se em cada unidade superior e, finalmente, na Unidade suprema. Por isso Plotino chega a justificar os males efetivamente existentes neste mundo embora compondo a harmônica totalidade do universo. Só o mal absoluto e pretensamente autônomo permanece fora de seu quadro, precisamente porque semelhante mal é um puro não-ser.

A missão do filósofo não é, desta forma, tanto aniquilar o sensível, como viver nele como se estivesse, de contínuo, orientado para o inteligível. O norte da vida do sábio é o “mais além”, onde reina o Uno e irradia a sua realidade sobre o resto do universo. A realidade corporal aqui embaixo não permanece propriamente suprimida, mas transfigurada. Para consegui-lo em toda a sua plenitude, o sábio tem de retirar-se de toda dispersão e evitar confundir o que não é mais que o semirreal com a plena realidade. Ao mesmo tempo, deve conceber-se como recolhido na eternidade, o corpo e o sensível devem contemplar-se como que residindo no inteligível, atraídos por ele e modificados por ele. Deste modo, o sensível e o temporal que, por si mesmos, são perturbações do bem e da ordem, podem manifestar-se como belos e ordenados. Mais ainda: o sensível poderá ser instrumento por meio do qual se alcance o inteligível e, com isso, essa felicidade completa que só é dada ao sábio que sabe como retirar-se e de “onde” retirar-se. A própria razão discursiva não deve ser desdenhada, tem de ser habilmente utilizada, pois, através dela, pode-se chegar à intuição intelectual do que é (e é uno), à contemplação pura e ao êxtase.

A emanção das hipóstases, processão das mesmas e conversão no Uno são, portanto, os conceitos capitais da filosofia plotiniana. Sem elas é impossível compreender por que o sábio deve transcender sempre suas próprias limitações e, em vez de recolher-se egoisticamente em si mesmo, orientar-se para a ordem eterna do universo. Assim, a purificação

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

REMAEH, Cinthia  
M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença  
do Neoplatonismo  
nas artes. *Mimesis*,  
Bauru, v. 19, n. 1,  
p. 79-99, 1998.

(conseguida quase sempre pelo constante exercício da intuição intelectual) é para ele um elemento indispensável. Ao purificar-se, a alma ascende pela escada que conduz para a unidade suprema: o ponto de vista do ser (do ser eterno e uno) acaba por predominar sobre todos os demais, sobre a desordem, a gênese, a dispersão e o tempo. Tudo o que não seja contemplação resulta, assim, uma debilitação dela, uma mera sombra.

Imitadora dos deuses na terra, a alma do sábio (do sábio neoplatônico) consegue, pela purificação e contemplação, ser o que realmente é: o reflexo exato e fiel da razão universal.

## A FILOSOFIA PLOTINIANA E A VEDANTA

Plotino recebe inspiração da filosofia oriental. Segundo seus biógrafos, o seu principal mestre, Amônio Sakas, era de origem oriental. A seguir, apresentamos uma correspondência entre sua filosofia e a praticada pela maioria dos indianos, não deixando de reiterar a ênfase dada por ele à contemplação que é *conditio sine qua non* na filosofia oriental.

### PLOTINO

- 1) *UM - BEM (DEUS). Primeiro princípio, causa e origem de todos os seres.*
- 2) *A INTELIGÊNCIA. Engendrada pelo UM. Em si não existe uma unidade perfeita, mas uma multiplicidade. No primeiro Ser, a Inteligência contempla as idéias de todas as coisas (por isso, elas não são subsistentes por si próprias, são frutos da contemplação que a Inteligência tem do primeiro Ser).*
- 3) *A ALMA. A Inteligência produz um terceiro princípio, que é a Alma do universo (o demiurgo na cosmogonia platônica). Ela produz tanto as almas que animam os seres incorpóreos quanto os seres materiais e sensíveis deste mundo.*
- 4) *AS ALMAS HUMANAS. Seguem a lei geral de procedência e de seu destino em determinados corpos. Neles passam uma vida, voltam ao mundo inteligível, ou a algum outro corpo.*
- 5) *(A MATÉRIA - são as trevas que não possuem uma existência real)*

### VEDANTA

- PURUSHA* - Supremo Criador
- PARAMATMAN* - A Alma Suprema
- ATMAN* - O Espírito Universal, condicionado na matéria.
- JIVA* - O Espírito Divino no homem
- PRAKRITI* - A natureza em geral, em contraposição ao Purusha.

## A CONTEMPLAÇÃO POR PLOTINO

A **contemplação** ocupa, como já observamos o ponto central da filosofia plotiniana. Através de um tipo de contemplação, o UM produz a INTELIGÊNCIA. Numa escala inferior, a Inteligência, pelo mesmo processo, produz a multiplicidade de idéias, pois não é capaz de abranger, com uma só idéia, a perfeição do Um. Por esse ato de contemplação, a Inteligência produz a Alma do Mundo; esta, ao contemplar a Inteligência e o Bem, produz as demais almas e a matéria.

Para o filósofo, segundo Plotino, subir da consideração da matéria à consideração das almas, desta à alma do mundo, depois à Inteligência, logo após, à contemplação do bem absoluto do Um, deve ser o ideal.

Essa meta só é atingida aos que renunciam a tudo para obtê-la, alcançando a suprema felicidade, a glória com que se pode sonhar. Através desta contemplação, a alma une-se misticamente com o seu primeiro princípio, num êxtase, num estado místico. *Os que ignoram este estado, imaginem, pelos amores daqui embaixo, o que será encontrar o objeto mais amado, e saibam que os amores daqui são mortais, caducos, enganam e perecem, e que não são amores na realidade, nem constituem nosso bem e nem são o que buscamos. Lá está nosso verdadeiro amor e podemos unir-nos a ele, participando dele e possuindo-o, se não saímos saqueando os prazeres da carne... se alguém o tiver experimentado compreenderá o que digo: a alma vive outra vida quando se aproxima dele e dele participa, de tal modo que sabe que tem presente o verdadeiro dono da vida. Então é possível vê-lo, iluminado, cheio de luz inteligível, ou melhor, como se fosse Deus, suspenso até que, voltando novamente a sentir o próprio peso, sente-se murcho.* (Quiles, 1981)

Nesse momento, a alma se une com Deus de tal maneira que a contemplação passa a ser simplesmente união. Os dois formam um só, a alma com seu bem supremo.

Para complementar, nada mais interessante que a fórmula com que Plotino finaliza as Enéadas: *Tal é a vida das almas e dos homens divinos e felizes: apartar-se das coisas deste mundo, sentir desgosto por elas e fugir só em direção ao Só.* (ibidem)

## A CAVERNA DE PLATÃO X A FOGUEIRA DE PLOTINO

Para Platão, todos os fenômenos da natureza seriam meros reflexos das formas eternas, ou idéias. Através da “alegoria da caverna”, podemos imaginar sua reflexão.

*Há um grupo de pessoas habitando o interior de uma caverna subterrânea. Elas se encontram de costas para a entrada da caverna e acorrentadas no pescoço e nos pés, de tal maneira que tudo o que vêem é a parede da caverna. Atrás delas, há um muro alto e, por trás desse muro, passam figuras de formas humanas sustentando outras figuras que se*

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.



*elevam para além do muro. Há uma fogueira acesa atrás dessas figuras, projetando as sombras das figuras na parede da caverna. Desta forma, a única coisa que as pessoas que se encontram dentro da caverna enxergam é esse vai-e-vem de sombras. As pessoas que ali se encontram imaginam que as sombras que vêem é a única realidade existente.*

*Um dos habitantes se questiona da procedência das sombras projetadas na parede e consegue livrar-se das correntes. Quando olha frontalmente para as figuras que se elevam acima do muro, a luz, de tão intensa, o cega momentaneamente. Continua com a visão ofuscada pela precisão dos contornos das figuras, vistas, até então, apenas como sombras. Ao sair da caverna e atravessar o muro, a luz o cega ainda mais, tal a sua abundância. Depois de esfregar os olhos, vê que tudo é lindo, pelas cores e contornos precisos que agora distingue, dos animais, das flores. Ele continua a questionar de onde procedem os animais e as flores. Vê o Sol brilhando no céu e entende que este dá vida às flores e aos animais da natureza, da mesma forma como graças ao fogo que ele podia ver as sombras refletidas na parede da caverna.*

*A partir de agora, o habitante liberto da caverna pode andar tranqüilamente e desfrutar da liberdade que acabara de conquistar. Os demais que continuam na caverna são agora sua preocupação. Ele decide retornar. Assim que chega, tenta explicar aos demais que as sombras da parede são meras imitações da **realidade**. Os outros não crêem nele. Afirmam que as sombras na parede é tudo o que existe. Finalmente, o matam. (Gaarder, 1995)*

Com esta alegoria, Platão demonstra que a caverna é o caminho percorrido pelo filósofo que vai das noções imprecisas para as idéias reais que se encontram por trás dos fenômenos da natureza. A relação entre as trevas da caverna e a natureza fora dela corresponde à relação entre as formas da natureza e o mundo das idéias. A natureza em si não é fria e sombria, somente em relação às clarezas das idéias. Isso se reflete na arte, pois a figura de um ser humano belo não é sombria e triste. Só que não deixa de ser uma figura.

Plotino concebe o mundo estendendo-se por dois pólos. Num se encontra a luz divina, que ele chama de Uno (Deus). Na outra extremidade, reinam as trevas absolutas, que não são banhadas pela luz do Uno. Essas trevas não possuem uma existência concreta, elas nada mais são que a ausência da luz. A única realidade é Deus, ou o Uno. Da mesma forma como uma fonte de luz pouco a pouco se perde na escuridão, também há as extremidades aonde esses raios divinos não conseguem chegar.

Para Plotino, a luz do Uno ilumina a alma, e a matéria são as trevas que não possuem existência real. Mas as formas da natureza também possuem um tênue reflexo do Uno.

Pode-se visualizar isso através da imagem de uma fogueira crepitando no meio da noite. De seu fogo soltam-se centelhas em todas as direções. Em um grande círculo em torno da fogueira, a noite é iluminada e à medida que se afasta desse fogo, ainda, por uma grande distância con-

segue-se ver o seu fraco brilho. E, quanto mais se afasta, a luz do fogo vai se transformando num minúsculo ponto de luz. E, ao afastar-se ainda mais, chega-se a um ponto em que a luz do fogo não mais alcança. A partir daí, contornos e sombras deixam de existir.

A realidade é essa fogueira, o que arde é Deus e as trevas são a matéria fria da qual são feitos os homens e animais. Junto ao Uno estão as idéias eternas, que são formas primordiais de todas as criaturas. A alma humana é uma “centelha do fogo”. Em todos os lugares da natureza, aparece um pouco desta luz divina. Pode ser vista em todos os seres vivos; até mesmo as flores possuem um brilho divino. No ponto mais distante do Uno, se encontram a terra, a água e as pedras. Mas o ponto mais próximo em que se encontra o Uno (Deus) é dentro de nossa própria alma. Só lá é que se pode re-unir com Ele.

Essas imagens de Plotino nos reportam à caverna de Platão: quanto mais se aproxima da entrada da caverna, mais perto o homem se encontra daquilo de onde provém tudo o que existe. Mas, em oposição à divisão da realidade em duas partes, conforme Platão, Plotino traça a possibilidade de todos alcançarem a plenitude, pois tudo é o Uno.

## O BELO NA ESTÉTICA PLOTINIANA

Historicamente, os estetas e os artistas têm vinculado o Belo ao Bom/Bem e a arte tem sido encarada como meio de elevação espiritual e de humanização, como instrumento de conscientização social. Em ambos os casos, há uma estreita relação do Belo com o sublime, com o Bem.

Tais reflexões acerca da arte, do Belo e do Bem iniciaram-se na filosofia e preencheram muito das preocupações dos grandes filósofos, desde a antigüidade clássica até a era contemporânea.

Se para Aristóteles o *imitar é inerente à natureza humana desde a infância; e o que faz o homem diferir dos outros animais é que ele é mais inclinado à imitação*. Leonardo da Vinci também apóia esta posição ao dizer que “*A pintura deve parecer uma coisa natural vista num grande espelho... Bom pintor, deves ser senhor de imitar com tua arte todas as formas que a Natureza produz e não poderás fazê-lo se não a guardares de cor.*” Por outro lado, para Platão, *a única arte é a arte da dialética*. (Ribon, 1991). Plotino, mais que Platão, é sensível às belezas naturais. Se ele se emociona diante das formas vegetais e suas linhas flexíveis realçadas de brilho e de graça, se se alimenta da beleza do céu constelado tal como as plantas parecem nutrir-se ‘do orvalho matinal que as ilumina’, é que Deus anuncia-se no esplendor de sua aparência, para preencher a visão dos homens; a beleza das coisas é uma beleza colocada nas coisas pela presença ativa de um Deus-luz, e a descoberta iluminadora é não a das coisas belas, mas, no caso, a da divina beleza, que as transfigura. *A iluminação não é simples metáfora: é o dom de Deus não ape-*

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

*nas às coisas criadas sempre imperfeitas, mas também à alma do artista capaz - e aí reside seu gênio - de se abrir ao sopro divino.”* (Ribon, 1981)

Plotino, por sua vez, defende a arte do belo não reduzida à dialética, e, para ele, as produções são apenas *simulacros de aparências e brinquedos desprezíveis*.

Nas Enéadas seis, ele afirma: *A beleza é, mais que a própria simetria, uma luz que incide sobre a simetria das coisas, e nisso consiste seu encanto. Pois por que a luz da beleza aparece mais num rosto vivo, enquanto apenas um traço dessa beleza aparece no de um morto, mesmo que sua figura não esteja ainda desfigurada na harmonia de sua substância? E por que as estátuas mais vivas são as mais belas, mesmo que haja outras com proporções mais exatas? E por que um homem feio, mas vivo é mais belo que a estátua de um belo homem, se não for porque essa beleza é mais desejável, porque mais se aproxima da natureza do Bem, (...), da Luz (...)? É assim que a beleza da cor, ainda que simples por sua forma, submete ao seu império as trevas da matéria, pela presença da luz, que é uma coisa incorpórea, uma razão, uma forma. Eis por que também o fogo é superior em beleza a todos os outros corpos: é que ele desempenha, em vista dos outros elementos, o papel de forma; ele ocupa as regiões mais elevadas; é o mais sutil dos corpos, pois é o que mais se aproxima dos seres incorpóreos; é ainda o único que, sem se deixar penetrar pelos outros corpos, penetra-os todos; comunica-lhes calor sem se resfriar; possui cor por sua própria essência e é quem a comunica às outras; ele brilha e resplandece, porque é uma forma. O corpo em que ele não domina, oferecendo apenas um matiz descolorido, não é mais belo, porque não participa de toda a forma da cor. O que conta, portanto, é a luz, é o brilho.*

*Assim, a natureza que produz tantos belos objetos deve possuir ela mesma uma beleza muito superior. Mas, como não temos o hábito de ver o interior das coisas que não conhecemos, restringimo-nos ao seu exterior, ignorando que é dentro delas que se esconde o que nos comove; tal como um homem que, vendo sua imagem e não sabendo de onde ela vem, gostaria de apreendê-la. Não é a massa de um objeto que nos atrai, não é nela que reside a beleza. É o que demonstra a beleza que encontramos nas ciências, nas virtudes e, em geral, nas almas, em que ela brilha como uma luz mais verdadeira quando nela contemplamos ou admiramos a sabedoria: não consideramos então o rosto, que pode ser feio; deixamos de lado a forma do corpo, para ater-nos apenas à beleza interior. Se, na emoção que deve causar-te um espetáculo, não proclamas que ele é belo e, se mergulhando teu olhar em ti mesmo não experimentar o encanto que tem a beleza, é em vão que, com semelhante disposição, procuras a beleza inteligível, pois só a buscarias no que é feio e impuro. Eis por que os discursos que sustentamos aqui não se destinam a todos os homens. Mas, se reconheste em ti a beleza, eleva-te à reminiscência da beleza inteligível.*

*Se a arte consegue produzir obras que estejam conformes à sua essência constitutiva (sendo sua natureza produzir o belo), ela ainda tem,*

*pela posse da beleza que lhe é essencial, uma beleza maior e mais verdadeira que aquela que passa nos objetos exteriores. De fato, como toda forma aumenta passando pela matéria, ela é mais fraca que aquela que permanece una. Tudo o que aumenta distancia-se de si mesmo, como o fazem a força, o calor e, em geral, qualquer propriedade; o mesmo acontece com a beleza. Todo princípio criador é sempre superior à coisa criada: é não a privação da música, mas a própria música que cria o músico; é a música inteligível que cria a música sensível. Se se procura rebaixar as artes, dizendo que, para criar, elas imitam a natureza, respondemos primeiro que a natureza dos seres é ela mesma imagem de outras essências; em seguida, que as artes não se limitam a imitar os objetos que se oferecem aos nossos olhos, mas remontam às razões ideais das quais deriva a natureza dos objetos; enfim, que elas criam muitas coisas por si mesmas e acrescentam o que falta à perfeição do objeto, porque possuem a beleza em si próprias. Fídias parece ter representado Júpiter, sem lançar nenhum olhar sobre as coisas sensíveis, concebendo-o tal como nos apareceria se se revelasse aos nossos olhos. (Quiles, 1981). Então, o objetivo da arte é a beleza inteligível.*

Em síntese, para Plotino, a Beleza suprema é Deus a quem tendem todas as almas e, a partir desta premissa, seguem-se as outras:

- A beleza da alma está na virtude.
- A fealdade está na impureza.
- A beleza supra-sensível é superior à sensível.
- No nível inteligível, o Belo é identificado com o mundo das idéias (formas), e o Bem é identificado com o UM-TODO-DEUS (informe).
- O Bem está acima do Belo.

Como místico, Plotino deixou-nos uma estética plena de misticismo, apoiada num subjetivismo radical.

Referindo-se à estética plotiniana, Bayer (1979, p. 81), escreve:

*A nossa verdade é-nos interior. Basta, na contemplação estética, que escapemos ao mundo. Toda a beleza se retoma no interior de nós e por intuição. O que há a fazer é recordar. A contemplação estética é uma visão. Tudo se penetra, nenhuma parte é exterior a outra parte, o olho que vê identifica-se com o que vê, o contemplador do divino participa do divino, torna-se divino de alguma maneira. É a alma que se torna bela, na mesma medida em que descobre o Belo; ou antes, só se apreende a beleza das coisas quando nós próprios nos tornamos belos.*

Em oposição à natureza naturada, Plotino põe a *natura naturans*, o que significa que o artista não devia imitar a natureza, mas encontrar em si próprio o movimento e o impulso criador da natureza, enquanto cria. A beleza do universo canta e clama a grandeza de Deus.

Essa concepção neoplatônica da arte prolongar-se-á pela Idade Média e até o Renascimento, com Botticelli, Michelangelo e até mesmo Leonardo Da Vinci.

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

## “TRANSFORMA-SE O AMADOR NA COUSA AMADA” - (CAMÕES). O NEOPLATONISMO NA DIVINIZAÇÃO DO AMOR.

Foi durante o Renascimento que Marsilio Ficino traduziu para o latim a obra de Plotino, o filósofo da Emanação e do Êxtase. Contribuiu, desse modo, para que a mesma passasse a apresentar “ecos” nos mais diversos setores das especulações intelectuais.

Embora exercendo uma influência mais marcante em Dante e depois nos poetas românticos ingleses e alemães, os textos plotinianos sobre a Beleza repercutiram favoravelmente na obra de muitos outros escritores.

No caso de Camões, por exemplo, vamos encontrar a influência neoplatônica na divinização do Amor, presente no soneto que abaixo apresentamos:

*Transforma-se o amador na coisa amada,  
Por virtude do muito imaginar;  
Não tenho logo mais que desejar,  
Que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois consigo tal alma está liada.  
Mas esta linda e pura semidéia,  
Que, como acidente em seu sujeito,  
Assim como a alma minha se conforma,  
Está no pensamento como idéia;  
(E) o vivo e puro amor de que sou feito  
Como a matéria simples busca a forma. (apud Moisés, 1968)*

Camões introduz o soneto com um verso síntese, que traduz o próprio objetivo do filósofo contemplativo que é o de unificar a sua alma *o amador* com o UM *a coisa amada*. De acordo com Plotino, tudo vem do UM e dele não se separa. O UM está em todas as coisas.

Esta fusão é obtida através da *virtude do muito imaginar*. Imaginar, para Camões, equivale, neste soneto, a *julgar-se; conceber de si próprio a idéia de*, realizando a identificação do *amador* com a *coisa amada*. O muito imaginar transcende o simples ato de pensar, pois indica o anseio profundo que a alma tem em unificar-se ao seu Criador numa fusão perfeita, porque ela é parte d’Ele.

A alma humana, sendo parte do Criador, está além da Inteligência e o que está além da inteligência não pensa.

Camões, ao utilizar o *muito imaginar*, está em consonância com as várias razões propostas por Plotino, pelas quais não é possível conceder a Deus a faculdade de pensar: *todo aquele que pensa tem de pensar num objeto do qual de algum modo depende e o primeiro princípio não pode depender de ninguém, senão que se basta a si mesmo; em segundo lugar, o pensamento inclui dualidade de sujeito e objeto e se Deus pensasse*

não poderia ser mais o UM e o mais simples; porém, não poderia pensar-se a si próprio? Se Deus se pensasse a si mesmo deveríamos distinguir nele o pensamento e o objeto do pensamento e não escaparíamos da dualidade - **não se transformaria o amador na coisa amada** -; a concepção aristotélica de Deus como 'ato puro do pensamento' é abertamente rejeitada por Plotino, porque todo ato é sempre ato de um sujeito: como pode conceber-se um ato que não seja ato de alguém? Portanto, tampouco pode-se dizer que Deus seja o ato puro do pensamento. (Quiles, 1981)

Portanto, "a contemplação é o caminho que se deve tomar para chegar ao primeiro princípio. O que produz contempla o que produz e a sua contemplação é a produção."

Na filosofia de Plotino, a contemplação ocupa o lugar central. Efetivamente, por uma espécie de contemplação, o UM produz a Inteligência. Esta, por sua vez, pela contemplação do UM produz a multiplicidade das idéias, já que não é capaz de abranger, com uma só idéia, toda a infinita perfeição do UM. Neste ato de contemplação, a Inteligência produz a Alma do mundo e esta, por sua vez, ao contemplar a Inteligência e o Bem, produz as demais almas e a matéria.

Toda a imensa atividade do universo se desenvolve em virtude de uma contemplação harmônica. O que produz contempla o que produz, e sua contemplação é sua produção. Ainda na matéria, nos seres materiais, Plotino descobre uma contemplação mínima e escura que sempre se inclina em direção ao Ser Supremo. E, por isso, a contemplação é o **caminho que a alma deve retomar para voltar ao seu primeiro princípio - transformar-se o amador na coisa amada**. Quando nos voltamos em direção às coisas daqui embaixo, e no grau em que nos voltamos a elas, deixamos de contemplar. Quando "olhamos" em direção às coisas superiores, contemplamos de maneira perfeita, e tanto mais quanto mais é elevado o objeto de nossa contemplação. Subir da consideração da matéria à consideração das almas, e desta à Alma do mundo, e desta à da Inteligência, e, finalmente, perdendo todo o resto de vista, até a contemplação do bem absoluto do UM, eis aqui o ideal do filósofo, traduzido por este verso de Camões.

Nesse momento, a alma se une com Deus de tal maneira que a contemplação passa a ser simplesmente união. **Os dois formam um só, a alma com seu Bem Supremo**. Passa a ser, então, o vidente e o que via não duas coisas, e sim uma.

Ao perceber ou dar-se conta dessa unidade, o **amador** atinge uma espécie de êxtase místico e, como Plotino após os seus êxtases, revela que:

*Não tenho logo mais que desejar,  
Pois em mim tenho a parte desejada,  
Que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois consigo tal alma está liada.*

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

A certeza da existência da *cousa amada* dentro de si faz com que o *amador* não deseje absolutamente mais nada, pois há necessidade de despojar-se de todo o material para haver a integração com o espiritual. Deve-se ressaltar que “esse despojar-se” não significa que o sensível deva ser aniquilado, pois há a certeza de que, por um processo inverso, deste chega-se à alma do Universo, desta à Inteligência e, finalmente, ao Uno. *En Plotino, ‘este deseo es el “Eros” que vela a la puerta del amado’*. *El universo se mueve a causa del “deseo” de su naturaleza. El deseo es la causa del movimiento de los astros; “la esfera del mundo posee el alma que desea el bien”. Su movimiento es circular. Aquí encontramos la misma analogía de los círculos en torno al centro, usada por Plotino para describir la unión mística.* (Borrego, 1993)

Estas figuras nos lembram também a concepção mística de Teilhard de Chardin (1936) “*C’est l’amour qui construit physiquement l’Univers.*” (apud Borrego, 1993).

Revela Plotino, após uma contemplação: *Os que ignoram este estado, imaginem, pelos amores daqui embaixo, o que será encontrar o objeto mais amado. Podemos unir-nos a ele, participando dele e, possuindo-o, a alma se aproxima dele, está junto dele e dele participa.* (Quiles, 1981)

#### ***Que mais deseja o corpo de alcançar?***

O princípio da filosofia plotiniana é a Unidade do Ser, e como tudo o que é, e o que vive é parte do Ser, temos a ‘Unidade de tudo’: o Uno permeando todas as coisas.

O corpo nada mais deseja alcançar, pois, certo da presença da Divindade em todas as coisas, há um caminho para atingir a sua essência quando, interiorizando-se, procura-se enxergar com o ‘olho da alma’, o Ser que está presente em todos os seres e que sustenta o mundo tanto material quanto psíquico.

O Uno compenetra o Intelecto, e o Intelecto está presente na Alma (do universo), e a Alma está presente na matéria (***Que mais deseja o corpo de alcançar?***). Assim, devido a essa hierarquia, a matéria está no Ser do Uno.

#### ***Em si somente pode descansar,***

#### ***Pois consigo tal alma está liada.***

O fato de a alma estar liada ao corpo é a certeza de que com isso pode-se partilhar da unidade do Um, pois, conforme apresenta Plotino na Enéada IV, I, o ser verdadeiro existe no mundo inteligível. O melhor dele é a Inteligência. Mas também as almas são parte dele mesmo, porque dali é de onde vêm aqui. Aquele mundo contém as almas sem os corpos; mas o nosso contém aquelas que estão dentro dos corpos e foram repartidas entre eles.

Dando continuidade às suas “descobertas”, o *amador*, voltando do êxtase, percebe que a vivência plena de um Amor, como ele experimentou, só é possível fora da matéria.

#### ***Mas esta linda e pura semidéia***

#### ***Que, como o acidente em seu sujeito,***

*Assim como a alma minha se conforma,  
Está no pensamento como idéia.*

A pura semidéia, sendo parte do Uno, pode ser considerada “*semi-deusa*”, **que, como o acidente em seu sujeito**, i.e., como espírito em seu “sujeito”- matéria, atua como “a minha alma” que toma forma material. “O acidente” aqui se refere também àquilo que numa coisa ou num sujeito, pode mudar a natureza da coisa ou do sujeito. A presença do UM através da **semidéia**, i.e., da alma no sujeito, dá-lhe a certeza do identificar-se ou transformar-se na **cousa amada**.

*A vivência perfeita da alma está num distanciamento cada vez maior da matéria e uma aproximação do mundo inteligível. (Plotino)*

*Tudo o que é, é pelo um, tanto os seres que são o próprio sentido da palavra quanto os que chamamos seres nos seres (os atributos, propriedades, acidentes de um ser - acidente, neste caso, o oposto a substância, atributos da deidade).*

*Porque, o que existiria, se não fosse um? No instante mesmo em que fosse arrancado do um não seria o que era. Nem há exército se não é um exército, nem coro nem rebanho, se são um; porém nem sequer uma coisa, uma nave são, se não são um, posto que a casa é uma casa, e a nave uma nave, e, se isto perdessem, já não seriam casa nem nave.*

*As magnitudes contínuas tampouco existiriam se não possuísem unidade, posto que, divididas, tanto perdem de ser quanto perdem de um.*

*Os mesmos corpos das plantas e animais, que são um, se escapam desse um, fragmentando-se, perdem o ser que tinham e resultam tantos seres quantos fragmentos tenham unidade.*

*Há saúde quando o corpo tende a um, beleza quando as partes participam da natureza do um, virtude de alma quando se chega ao um e ao acordo.*

*Agora, posto que é a alma que, construindo, plasmando, formando e combinando, conduz tudo à unidade, poderíamos, remontando-nos a ela, dizer que ela é a que preside o um, e ainda afirmar que ela mesma é o um? Ou melhor, assim como preside nos corpos outras qualidades, sem ser isso que comunica (como a forma e a idéia, ainda que seja ela diferente disso que proporciona), se der a unidade, terá de pensar que dá algo diferente do que ela é, e que faz umas as coisas pela contemplação do Um, da mesma maneira que concebe o homem contemplando a idéia de homem segundo o que há de um no homem?*

*Entre os seres que chamamos unos tanto tem cada um de unidade quanto tem de ser, e assim os que têm menos ser têm menos unidade, e os que têm mais, mais. Logo, a alma, sendo diferente do um, tem mais ser na medida em que realmente tem mais unidade; porém não é o mesmo que o Um, posto que a alma é uma e o um é, para ela, de certa forma, um **acidente**, e assim são duas coisas alma e um, como corpo e um. (Enéada VI, 9) (Quiles, 1981)*

Embora a alma seja parte do Um com todos os seus atributos, ela mantém a sua unidade, caso contrário, no caso da morte do corpo físico ela seria reabsorvida por Ele, com isso, perder-se-ia a finalidade da emanção.

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.



***Assim como a alma minha se conforma,  
Está no pensamento como idéia.***

Mais uma vez Camões sintetiza nestes versos grande parte da filosofia plotiniana, vejamos:

*Ao investigar qual é a essência da alma, temos demonstrado que ela não é um corpo, nem também, entre os seres corporais, é a harmonia. Que seja a alma uma inteligência, tampouco é verdadeiro da maneira como se explica, nem mostra o que é a alma; por isso a temos rejeitado. Dizer que a alma é de natureza inteligível e uma parte da divindade é sem dúvida nenhuma dizer algo muito claro sobre sua essência; contudo devemos ir mais longe.*

*Em nossa investigação, dividimos as coisas em sensíveis e inteligíveis, e situamos a alma entre as coisas inteligíveis. Admitimos agora que ela está no mundo do inteligível, e sigamos por outro caminho na investigação de sua natureza.*

*Dizemos, pois, que há coisas que estão desde um princípio divididas e desagregadas por natureza. São aquelas das que nenhuma parte é idêntica a qualquer outra de suas partes, nem ao conjunto delas. Cada parte é necessariamente menor que o todo: tais são as magnitudes sensíveis e as massas (materiais), das que cada uma ocupa um lugar próprio, e são tais que uma mesma não pode estar ao mesmo tempo em diversos lugares. A estas coisas se opõe outra essência que não admite nenhuma divisão: indivisa e indivisível, carece de dimensões, embora pelo pensamento, e não tem necessidade de lugar, nem se encontra em algum ser em particular, seja em alguma de suas partes, seja em sua totalidade. Encontra-se através de todos os seres ao mesmo tempo, não para tomar lugar deles, senão porque as outras coisas não podem nem querer estar sem ela.*

*Sempre idêntica a si mesma, é como um ponto comum de todas as coisas. É como o centro num círculo: todos os raios traçados, desde o centro até a circunferência, embora nasçam dele mesmo e participem de seu ser, deixam-no, contudo, imóvel em seu mesmo ponto; participam do centro, e este ponto indivisível é sua origem, mas tendem para fora, embora permaneçam unidos no centro.*

*Assim, pois, há um primeiro indivisível que domina todos os inteligíveis e todas as verdadeiras realidades,; e há também outra essência nas coisas sensíveis, que está inteiramente dividida; há ademais ante ao sensível, junto a ele e ainda nele, outra natureza que primordialmente não está fragmentada como os corpos, mas que se divide quando chega a eles. (idem)*

E, quase lamentando, percebe não estar totalmente preparado para uma vivência tão grande:

***(E) o vivo e puro amor de que sou feito  
Como a matéria simples busca a forma.***

Assim também Plotino encerra a narração de seu êxtase: *Se alguém o tiver experimentado, compreenderá o que digo: a alma vive outra vida*

*quando se aproxima dele, mas voltando novamente a sentir o próprio peso, sente-se murcho.* (idem)

Quanto à influência do Neoplatonismo nas artes plásticas, temos em Sandro Boticelli uma análise a seguir, comprovando essa influência:

### **“O NASCIMENTO DE VÊNUS” - UM PROLONGAMENTO DA CONCEPÇÃO NEOPLATÔNICA.**



FIGURA 1 - *O Nascimento de Vênus*, de Sandro Boticelli.

Para Sandro Boticelli, como para os demais seguidores do Neoplatonismo, o essencial era conseguir exprimir, com a maior veemência possível, a beleza ideal “não a das coisas belas, mas a da divina beleza que as transfigura”.

Procurava, como bom renascentista, que as figuras presentes em suas pinturas dessem uma ilusão de vida, de volume; e as paisagens, um sentido de profundidade, pois, tal como dizia Plotino nas Enéadas seis: *a luz da beleza aparece mais num rosto vivo*, enquanto apenas um traço dessa beleza aparece no de um morto. Também não perdia de vista um outro postulado neoplatônico, segundo o qual a beleza é mais que a simetria, é uma luz que incide sobre ela.

Em *O nascimento de Vênus*, mais uma vez tal visão se repete. Nesta obra, temos representadas as duas naturezas de Vênus, a espiritual e a material, pois *o ser vem do Uno e não se separa Dele* (Plotino). (Quiles, 1981)

De iconografia simples, uma vez que as personagens incluídas nesta pintura são apenas quatro, temos Vênus como o centro do quadro. Erguida sobre a concha, é captada no momento de seu nascimento. Trata-se de

REMAEH, Cinthia M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

REMAEH, Cinthia  
M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença  
do Neoplatonismo  
nas artes. *Mimesis*,  
Bauru, v. 19, n. 1,  
p. 79-99, 1998.

uma Vênus Urânia, filha de Urano e sem um princípio materno (novamente, “tudo vem do Uno”).

Ficino - que traduziu para o latim a obra de Plotino durante o Renascimento - a associa à *Venus Coelestis* - ou Vênus Pudica -, pois sua nudez está desprovida de erotismo e o cabelo, habilmente, cobre-lhe o sexo, ao mesmo tempo que com uma das mãos tapa os seios *A beleza da alma está na Virtude* (Plotino). O ideal de beleza clássica presente nesta Vênus é abrandado pelos longos cabelos ondulantes que a circulam e a expressão longínqua de seu rosto faz com que pareça estar recolhida em seu mundo interior e perdida em pensamentos - atitude contemplativa.

As personagens da parte superior esquerda - relacionados a Zéfiro e Clóris - estão como que envoltos pelas rosas sagradas de Vênus - segundo a mitologia clássica, foram criadas ao mesmo tempo que a deusa do amor - e podem ser interpretadas - segundo Ficino - como dois ventos que, com seu sopro, contribuem para conferir à Vênus sua essência espiritual-divina. Para alguns autores, representa também o Espírito vivificando a matéria.

À direita, em pé e com um manto de flores, disposta a cobrir Vênus, temos Flora. Esta, ao oferecer o manto, proporciona-lhe algo material, revestindo-a de uma nova personalidade, a própria da *Venus Vulgaris* - o último limite da criação, até onde chegam as possibilidades da “Alma do Universo”.

Toda a cena desse nascimento desenvolve-se numa atmosfera muito luminosa e plena de paz, que pode ser observada nas nervuras douradas das folhas das laranjeiras dispostas atrás de Flora, bem como nas flores brancas com pontas douradas que as enfeitam ou nas rosas que caem sobre os ventos. É como se o bosque estivesse todo envolvido pela divina presença de Vênus - *a descoberta iluminadora é não a das coisas belas, mas a da divina beleza que as transfigura*.

Finalmente, bem sabemos que, para Plotino, o objetivo da arte é a beleza inteligível e que o artista não deve imitar a natureza, mas encontrar em si próprio o movimento e o impulso criador dessa natureza, enquanto cria. Assim, agiu Boticelli ao pintar. O Nascimento de Vênus conduz os que o contemplam a comungar o Belo presente em todas as almas e em todas as coisas.

## CONCLUSÃO

O estudo do Neoplatonismo e, especificamente, de sua influência no campo das Artes veio reforçar a concepção que tínhamos sobre o quanto é fundamental o estudo da Filosofia para entendermos as manifestações artísticas e a sua não-dissociação e o próprio ser humano.

Por outro lado, foi fascinante observar essa “herança cultural”, que tanto quanto a genética, tem acompanhado o homem em toda a sua trajetória histórica.

De Plotino há de ficar para sempre em nossa experiência como pesquisadores, a necessidade permanente da contemplação e do esforço para fazer elevar o que haja de divino no ser humano até ao que haja de divino no universo.

REMAEH, Cinthia M. R., REQUENA C. Hélio. The presence of Neoplatonism on arts. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

REMAEH, Cinthia M. R., REQUENA C., Hélio. A presença do Neoplatonismo nas artes. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 79-99, 1998.

## ABSTRACT

*This is an analysis of the Neoplatonic influence on Arts, with a focus on literature, through the analysis of Luís Vaz de Camões' poem "Transforma-se o amador na cousa amada", as well as on painting, through the analysis of Sandro Boticelli's "O nascimento de Vênus".*

*The Neoplatonic Philosophy originated in Alexandria in the 3rd century A.D. associating Platonism to mysticism, and whose major representatives were Porfirio and Plotinus.*

*Plotinus sought in Plato's and Aristoteles' metaphysics for that which allowed him to find the ways that would take him to the contemplation of the origin of everything. His presence in the Neoplatonism was such that his name is many times confounded with that of the very school.*

*This school's influence on mankind's thought has been somewhat considerable and its presence in Arts, in general, could not be less prominent: many similarities can be found between Plotinus' thought and that of medieval christian theologians and philosophers, and Renaissance artists such as Boticelli, Michelangelo, Camões and even Bergson.*

**Key Words:** Neoplatonism, Philosophy, Arts.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYER, Raymond. *História da estética*. Lisboa: Estampa, 1979.

BORREGO, Enrique M<sup>a</sup>. Mística y filosofía en Plotino. *Pensamiento*, Madrid, v. 49, n. 195, p. 353-369, sept./dic. 1993.

BUSSOLA, Carlo. *Plotino: A alma no tempo*. Vitória: FCAA, 1990.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOISÉS, Massaud. *Camões: lírica*. São Paulo: Cultrix, 1968.

REMAEH, Cinthia  
M. R.,  
REQUENA C.,  
Hélio. A presença  
do Neoplatonismo  
nas artes. *Mimesis*,  
Bauru, v. 19, n. 1,  
p. 79-99, 1998.

QUILES, Ismael S. J. *A alma, a beleza e a contemplação* (Plotino). Tradução por Ivan Barbosa Rigolin e Consuelo Colinvaux. São Paulo: Associação Palas Athena, 1981.

RIBON, Michel. *A arte e a natureza*. Tradução por Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1991.